

ENSAIO SOBRE OURO FINO: AS RUÍNAS, A PEDREIRA E A ROMARIA

ESSAY ON THIN GOLD: THE RUINS, THE QUARRY AND PILGRIMAGE

Lucinete A.Morais¹

RESUMO

Esse artigo versa sobre o patrimônio cultural do de Ouro Fino, extinto arraial de mineração do século XVIII, localizado à leste 18 km da atual cidade de Goiás. A pesquisa objetiva a importância deste extinto arraial em termos inaugurais de uma região – o estado de Goiás e, “culturais”, pensando o território como formação e prática de uma sociedade. Revisita-se alguns dos conceitos de cultura, memória e patrimônio cultural em busca de tecer uma narrativa sobre o lugar. A pesquisa evidencia o quanto é preciso caminhar para que temas como: cultura, memória e patrimônio possam ser estudados e partilhados para a tradução/reflexão do modo de vida goiano.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural. Território. Memória.

ABSTRACT

This article deals with the cultural heritage of Ouro Fino, an extinct 18th century mining camp, located east of the present city of Goiás, 18 km east of the city of Goiás. The objective of this research is the importance of this extinct camp in the inaugural terms of a region - the state of Goiás And, "cultural", thinking the territory as formation and practice of a society. It revisits some of the concepts of culture, memory and cultural heritage in search of weaving a narrative about the place. The research shows how much it is necessary to move so that topics such as culture, memory and heritage can be studied and shared for the translation / reflection of the Goian way of life.

Keywords: Cultural Heritage. Territory. Memory.

¹ Mestre em Antropologia Social e Especialista em Direitos Sociais do Campo pela Universidade Federal de Goiás. Licenciada em História pela Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Goiás. (moraislucinete1@gmail.com)

1- CONTATOS INICIAIS

Este artigo propõe um ordenamento inicial do patrimônio cultural do de Ouro Fino, extinto arraial de mineração do século XVIII, localizado à leste 18 km da atual cidade de Goiás – Patrimônio da Humanidade. Em 2009 numa visita ao lugar, quando a tentativa era “encontrar” o objeto para o TCC². Em Ouro Fino, agora, são apenas ruínas, assim se deu o meu primeiro contato. Pensei como se naquele lugar em que pisava, foi-se um dia, lugar de “ouro fino”? Como acabou? Quem é a comunidade que vive ali? Quais as memórias?

Ainda que seja minha primeira entrada em campo compartilharei de algumas inquietações acerca do objeto de estudo, o que se aponta para a problemática dos lugares de memória inaugural dos goianos e a falta de políticas de patrimônio. Revisitaremos alguns dos conceitos de cultura, memória e patrimônio cultural em busca de tecer uma narrativa sobre o lugar. Recentemente em uma rede social tem sido divulgadas fotografias sobre o Ouro Fino, alguns informantes chegam a descrever suas lembranças do clima, da paisagem, dos passeios, das férias, das famílias e seus ritos de sociabilidades – nascimento, batismo e morte. O uso da fotografia como compartilhamento de informação/memória é então aqui, um rito social, uma defesa contra o esquecimento e um instrumento de poder. Os primeiros olhares sobre o lugar compartilhados foram a Fazenda Ouro Fino, o Seminário de Santa Cruz, a capela de Nossa Senhora do Pilar, a pedreira de São Sebastião, o giro da folia do Divino e a apresentação da Banda do VI Batalhão.

Num segundo momento, metodológico, claro. Estes contatos poderão ser mapeados em genealogias/redes do lugar orientados pela pesquisa em arquivos da Diocese de Goiás e do Frei Simão Dorvi, nos museus, memoriais, Gabinete Literário e também nos arquivos particulares e nas entrevistas diretas que nortearão a discussão sobre certas inquietações teórico-metodológicas.

A primeira parte deste trabalho dedica-se a exposição teórica com a intenção de aprofundar tal estudo na área da Antropologia e sobre o que é cultura, memória e patrimônio em Ouro Fino. E, a segunda parte, breve apresentação de um estudo prévio sobre a romaria de São Sebastião na pedreira do Ouro Fino.

² Este trabalho é parte de reflexões do meu trabalho final de graduação do curso em História em que exercitei meu primeiro ensaio de campo.

2- REVISITAR O CONCEITO DE CULTURA PARA PENSAR OURO FINO

Hoje, Ouro Fino é pasto de uma fazenda particular, mas ainda mantém algumas últimas ruínas da igreja, do cemitério e do seminário diocesano, um pomar e uma vizinhança de luta pela reforma agrária – o Projeto de Assentamento Paraíso.

A proposta deste artigo é comunicar a importância deste extinto arraial em termos inaugurais de uma região – o estado de Goiás e, “culturais”, pensando o território como formação e prática de uma sociedade.

Exatamente neste tópico que proponho a debruçar sobre o que vem a ser cultura? Quais são as formas de cultura estudadas/encontradas em Ouro Fino? Qual a perspectiva de se falar de Ouro Fino sob a ótica da cultura? Pra isso revisitaremos o debate antropológico entre três autores que utilizam metodologicamente o conceito de cultura. Geertz, C., *The interpretation of cultures* (1973); Wagner, R., *The invention of culture* (1975); e Sahlins M., ., "O pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um "objeto em via de extinção" (1997).

Nos anos 1970 e 1980 o processo conhecido como “viragem antropológica” levou seus precursores buscarem outros modelos de explicação das sociedades: o alimentar, a sensibilidade, o comportamento. Novas temáticas, novos objetos e novos métodos foram adotados pelos pesquisadores, tudo isso graças às teorias fundantes na antropologia sobre cultura - ideia empirista (Taylor); Criação humana (Boas); Instituição humana (Malinowski); Reciprocidades (Mauss); Representações (Strauss).

O autor norte-americano Clifford Geertz introduzirá a “nova” perspectiva de cultura, como sistema simbólico. A intenção de Geertz é substituir a ideia de observação participante por interpretação (contexto também é cultura para Geertz).

Sahlins desenvolve reflexões teóricas sobre a natureza da cultura (A natureza humana, tal como a conhecemos foi determinada pela cultura). Entre 1980 e 1990, onde o ponto central era a questão da “extinção” da cultura (cultura como fato, objeto da antropologia). Sahlins opta por uma re-elaboração do estruturalismo,

na “busca por embutir o estruturalismo no culturalismo, fazendo das ‘estruturas da mente’ os ‘instrumentos da cultura’”.

Na direção oposta encontra-se o trabalho de Roy Wagner, A invenção da cultura, inovando na objetivação do conceito de cultura. Foi a partir dele que Viveiros de Castro e Marilyn Strathern desenvolveram suas ideias. Vejam que ele desenvolve suas teses a partir de categorias da linguística: símbolos metáforas, sentidos, ou seja, a produção das narrativas. Para Wagner, não se trata de entender o que outros povos produzem como “cultura” a partir de um dado universal (a “natureza”), mas antes, o que é concebido como dado, e portanto como cultura, por outras populações.

De todo modo, a escolha destes três autores se deu assim pelo simples fato de escolha - a prática científica. Um, pelo projeto de mestrado³. Dois, pela bibliografia indicada⁴. Três, e, talvez a mais importante – a busca de se fazer etnografia para o outro. Isso nos leva a pensar a tradução da cultura, que é um exercício antropológico, mas ainda, pensar o aspecto ético, já intrínseco ao fazer antropológico.

Revisitar autores, conceitos e mesmo, a história da antropologia é bom pra pensar. Retornamos as perguntas acima: O que vem a ser cultura? Quais são as formas de cultura estudadas/encontradas em Ouro Fino Qual a perspectiva de se falar de Ouro Fino sob a ótica da cultura? Aqui, a cultura é entendida como dinâmica da vida social - as permanências e os processos de mudança que são resultados de combinados entre os homens.

Já no início deste artigo, percebe-se a preocupação com o contexto em que a interpretação da transformação da paisagem se dá pela cultura ‘material’, lembranças e resistências associadas ao fator *tempo*.

³Projeto de pesquisa em andamento no programa de pós graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFG), sob orientação do professor doutor Manuel Ferreira Lima Filho.

⁴ A tentativa aqui foi estabelecer conexões entre o objeto de estudo e as disciplinas cursadas no primeiro semestre de 2013 – Teorias Antropológicas I, Culturas e Identidades, Memória e patrimônio na escrita do lugar, ministrados pelos professores doutores Gabriel Alvarez, Joana Silva e Ivanilda Junqueira.

Quem são os informantes e que relação que estabelecem com o lugar? Essa rede nos possibilita um estudo da resignificação do lugar, sobretudo pelos atuais moradores – o projeto de assentamento Paraíso, arqueólogos e vilaboenses?

Se pensarmos bem, os autores de forma distinta, é claro, dialogam com esta pesquisa. Relatam experiências etnográficas, apresentam caminhos metodológicos que podem ser úteis no decorrer da pesquisa. Ouro Fino, extinto arraial de mineração do século XVIII, hoje vivenciado por um grupo de agricultores familiares beneficiados pela reforma agrária, já foi estudado pela ótica da cultura material, a partir de pesquisas arqueológicas⁵.

Sahlins (1997) analisa que os antropólogos não devem apenas assumir atitudes de denúncia em relação à hegemonia e sim dar o testemunho das culturas estudadas, observando principalmente o poder de resistência desses grupos. Aqui, pensamos a comunidade de agricultores familiares como grupo de resistência e, é relevante entender como eles enxergam Ouro Fino, que histórias tem pra contar. Também os arqueólogos serão testemunhas das culturas estudadas, apresentando a importância da arqueologia para estudos históricos/coloniais no tempo presente, sua socialização e sua prática social como (re)contar as histórias do lugar.

Roy Wagner, o autor de *A invenção da cultura* trabalha com a ideia de invenção como algo constituído no campo da ciência (reflexivamente). Seu trabalho em descrever as “propriedades gerais” da vida sócio-cultural, estudar a maior gama possível de diversidade e modos de vida humana, de formas de organização social, de comportamentos e de crenças reforça o dialogo com o objeto/Ouro Fino, em que os vilaboenses vão (re)contar lembranças do extinto arraial atribuídos por eles em patrimônio cultural local ou não.

Os estudos de Clifford Geertz propõem para além da observação - a interpretação da cultura. Ouro Fino é uma referencia local, marca da interiorização do Brasil, da ocupação do centro-oeste, coração do território brasileiro, palco de emoções e arena de disputas. Geertz apresenta o método de descrição densa que consiste em impressões das ações do homem em determinado espaço e tempo –

⁵ Resultado de dissertação de mestrado em história (PPGH/UFG) - "Ouro Fino: Arqueologia Histórica de um arraial de mineração do século XVIII pelo arqueólogo, doutor e docente da UFMG - Marcos André Torres de Souza.

as impressões diretas, as que captamos pela experiência em campo, um possível “nativo relativo”, como elucida o antropólogo Viveiros de Castros e as impressões indiretas, as narrativas sobre o espaço, o tempo, as sensibilidades e sociabilidades partilhadas.

Os últimos tópicos são tentativas de apresentar as várias faces da cultura de Ouro Fino, por exemplo – a Romaria da Pedreira de São Sebastião e demonstrar a relação com os resíduos, os testemunhos materiais do processo histórico, dos remanescentes e, que tem por objetivo valorizar a cultura na dimensão cidadã.

3- O MISTÉRIO DA PEDREIRA DE SÃO SEBASTIÃO DE OURO FINO

Há pouco tempo atrás, por nímia gentileza do distinto casal de amigos, Sr. Luciano e dona Guiomar Ferraz de Godói, fui conhecer e desenhar, in-loco, a graciosa Capelinha de São Sebastião da Pedreira, situada perto do centenário e ora extinto arraial do Ouro Fino. O panorama que por lá presenciei, dada a sua pureza e magnitude, jamais sairá do meu sentido. Pois, tudo por ali insinua paz, ternura e felicidade. O arvoredado circulante ao penedo negro e altivo, nesse dia, achava-se muito freqüentado por dezenas de aves canoras, típicas da região: tiés, puvis, sabiás, bem-te-vis, pássarospretos, etc., e até mesmo bandos de seriemas entoando as suas récitas selvagens pelos campos ensolarados. (OCTO MARQUES, 1983, p. 102).

Um mistério envolve a história do padroeiro da Pedreira, mistério esse que os antigos atribuem a mais um milagre de São Sebastião e que na região lhe rendeu o apelido de “Santo Fужão”.

Diz a tradição oral que nos arredores da Pedreira encontrou a imagem do Santo que foi levada a Igrejinha. Pensando os fiéis que seria o melhor lugar. O mistério é que a imagem havia desaparecido, e, encontrada na pedreira. O fato mexeu com todos. Foi aí que algumas pessoas colocaram o Santo novamente na capela e ficaram de vigília no lado de fora, dia e noite. Não adiantou, a imagem voltou para o seu local de origem. O trabalho foi intensificado, o Santo foi trazido mais uma vez, e este passou a ser vigiado por dentro e por fora o dia inteiro. E aí o milagre aconteceu à vista de todos os presentes: a imagem sumiu e apareceu na pedreira.

Segundo Dona Benedita⁶ “a festa acontece em setembro que foi o mês em que São Sebastião reapareceu na Pedreira, já vi ele várias vezes, quando dá umas duas horas da manhã, ele visita cada barraca que se estende por aqui [...]”.

A pedreira de São Sebastião é um lugar atribuído pela memória e pela vida social mobilizando as pessoas mais próximas e reaproximando as que estão longe, para que se reviva o sentimento de participar e de pertencer a um grupo, de possuir um lugar.

4- ROMARIA DE SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA: UM DESEJO DE REGISTRO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL

Conheço um lindo demais! Fica entre Ferreiro e Ouro Fino. É uma pedra muito linda, parece que ela levantou numa grotta, mas ela ficou muito alta, muito linda, chama-se pedra São Sebastião. Fizeram uma imagem lá em cima e todo ano os devotos vão ali rezar, até hoje, todo ano. E fazem festa lá todo ano, festa muito animada, e sobem por uma escada para ir lá onde está o santo. Muito bonita, a pedra. (Maria Abadia Januária. Nº da entrevista: 40. Dossiê de Goiás).

Romaria de São Sebastião, que acontece no primeiro domingo de setembro, entre Ferreiro e Ouro Fino, distritos da cidade de Goiás, poderia se tornar um bem registrado como patrimônio imaterial, pelo menos em nível municipal e estadual, pela notável festa que marca a vivência da religiosidade em dado espaço – a pedreira de São Sebastião – onde se concentram para a prática cultural coletiva do catolicismo popular.

A Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) define como patrimônio cultural imaterial:

“as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas e também os instrumentos, objetos, artefatos e lugares associados e as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos que se reconhecem como parte integrante do patrimônio cultural”.

⁶ D. Benedita foi Imperatriz da Festa de São Benedito por 50 anos. Entrevista concedida em 2010.

Transmitido de geração a geração, a Romaria de São Sebastião é recriada pelas comunidades atuais em função de seu ambiente, sua identificação e continuidade. Citada no Dossiê de Goiás, instrumento utilizado para a obtenção do título de Cidade-Patrimônio o que torna relevante o estudo a fim do registro da festa como política pública para o patrimônio.

“os estudos sobre festas diz respeito à implementação pelos órgãos públicos da categoria "patrimônio cultural de natureza imaterial", instrumento legal regulado pelo decreto 3.551 de 04/08/2000, "que pretende proteger os saberes, formas de expressão, festas e ofícios da tradição popular" através de seu tombamento. A ação do Estado nesse campo trouxe um novo grau de legitimidade a uma série de manifestações lúdicas, e vários trabalhos têm sido produzidos, muitas vezes na forma de pareceres de especialistas, para servir de arrazoados em processos de tombamento". (MENEZES apud TRAVASSOS, 2002, p. 109)

Aloísio Magalhães (1985) e Cecília Londres Fonseca (2004) defendem que as comunidades tradicionais e populares são marcos da formação da nacionalidade e da identidade, e que os bens culturais vivos tem sim valor social, cultural e econômico que podem constituir importantes meios de desenvolvimento, pois são formas de sobrevivência de inúmeros grupos e populações, e, assim, necessidades de adaptação e de aperfeiçoamento não podem ser ignoradas, sendo a continuidade dessas práticas populares um dos critérios de seleção e salvaguarda do patrimônio imaterial.

A festividade é o ponto social de grande relevância para a comunidade. As pessoas aguardam ansiosamente a chegada do mês de setembro para a tradicional romaria, que atrai grande público de outras localidades, em função da devoção ao santo, ou não. Famílias como a de Dona Benedita, 75 anos, imperatriz da festa há pelo menos 50 anos, ainda é responsável pela sua organização e decoração demonstrando assim, a resistência pela movimentação popular em torno da festividade ao santo socializando um pouco de suas vivências na localidade. Desde estórias de onças e milagres que povoam o imaginário da população da Cidade de Goiás e entorno principalmente aqueles que têm íntima ligação com a terra para sobrevivência.

De todos os aspectos levantados neste estudo, um deles é muito forte - a fé e a devoção em torno de São Sebastião, o santo padroeiro, protetor contra a fome, guerra e pestes. Durante a festa, as barracas com vendas diversas, incluindo comidas e bebidas são armadas em torno da pedreira. Lado a lado, o espiritual e o profano são muito presentes, como em qualquer festa do catolicismo popular.

A antropologia voltada ao estudo de festas, rituais e celebrações tem em Durkheim e em seu texto, *As formas elementares da vida religiosa* (Durkheim 1989 [1912]), um marco teórico fundamental para a interpretação da relação entre festividades e vida social. Suas formulações sobre o papel desses eventos na coesão dos grupos que os celebram, relacionadas à efervescência que provocam que resulta em um sentimento de pertencimento.

A Romaria de São Sebastião ainda não foi inventariada pelos órgãos oficiais simplesmente pela falta de políticas públicas de patrimônio imaterial. Fica aqui o desejo deste estudo a fim de documentar o bem cultural o que certamente propiciará certa identificação para a salvaguarda dessa manifestação ante ao seu esquecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS⁷

Preocupada com a função social do fazer antropológico, percebo ainda, o quanto é preciso caminhar para que temas como cultura, memória e patrimônio possam ser estudados e partilhados para a tradução/reflexão do modo de vida goiano.

Considerações finais porque ainda é a fase de observação de campo e levantamento de dados para a pesquisa, longe de algum dado já interpretado.

Por ora, que este artigo possa permitir que as pessoas pensam/compreendam parte do seu lócus, seu lugar, o lugar onde elas vivem, o lugar onde elas criam as famílias, o lugar onde estabelecem as raízes e os lucros.

⁷ O distanciamento do texto antropológico, a avaliação e a contribuição para esta primeira versão pôde contar com as leituras generosas da Dra Joana Silva e da Dra Ivanilda Junqueira ligadas aos programas de Antropologia e Sociologia da UFG, para os quais vão meus sinceros agradecimentos.

REFERENCIAS

DURKHEIM, Émile (1989) [1912]. *As formas elementares de vida*. São Paulo: Paulinas.

GEERTZ, Cliford, *A Interpretação das Culturas*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2004

GONÇALVES, José Reginaldo S. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/MINC/IPHAN, 2002.

MAUSS, Marcel. "Ensaio sobre a dádiva". e "Esboço de uma teoria geral da magia" In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

MENEZES, Renata de Castro (1996) *Devoção, diversão e poder. Um estudo antropológico sobre a Festa da Penha*. Rio de Janeiro: PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 1996. Dissertação de mestrado (Antropologia Social).

NORA, Pierre. *Entre Memória e história: a problemática dos lugares*. In: Projeto História, n.10. 1993

SAHLINS, M., "O pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um "objeto em via de extinção" (parte I e II). Revista Maná. Vol.3, n.1 e n. 2, Apr. e out. de 1997, p. 42-73. In: <http://www.scielo.br/pdf/mana/v3n1/2455.pdf>.

SANT'ANNA, Márcia. *A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 46-55.

WAGNER, Roy. *A Invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.